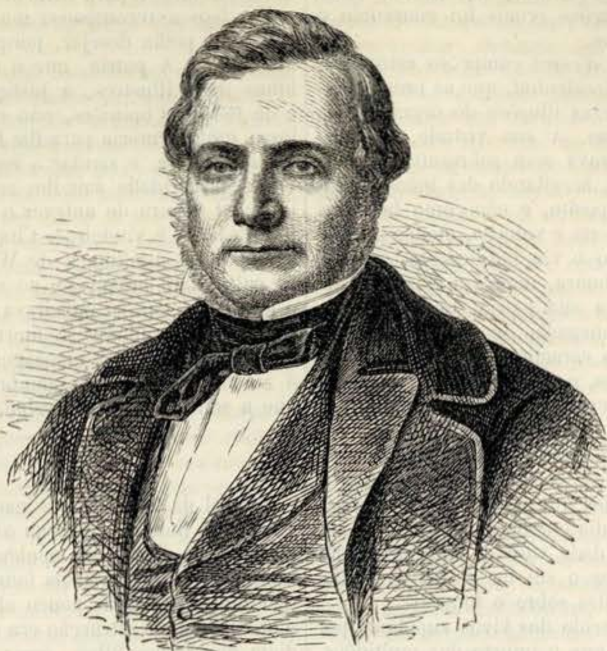


Manuel da Silva Passos

I

A vida dos homens que illustram a patria com o exemplo, ennobrecendo-a pelo esplendor do engenho nas lides da tribuna e da imprensa, não é menos digna de admiração que a ruidosa existencia dos capitães, coroados pela victoria, que atravessam a scena do mundo, rodeados de pompas, mas tambem seguidos do cortejo doloroso de lagrimas e desastres, que a guerra, ainda a mais justa e a mais santa, sempre arrasta após os seus triumphos. As duas glorias são irmãs, quando o mesmo sentimento — o amor da terra natal — as inspira; mas entre os loiros salpicados de sangue de Condé, de Turenne, de Frederico da Prussia, ou de Napoleão I, e a palma civica de Fox, de Chatham, de Canning, e de Franklin, a razão e a philosophia apontam abysmos insondaveis.

São todos combatentes e soldados. Caminham todos, guiados pela mão da Providencia, direitos a um fim, que muitas vezes alcançam sem o conhecer; mas os meios de uns não são os instrumentos dos outros. A espada quasi sempre fere cega. O canhão trôa e derruba ao acaso. A brava furia das pelejas consumma, porém não cria as idéas. De mais alto descem ellas! Emanação sublime da verdade eterna, armam os exercitos e inflammam os povos. A acção bruta, sem pensamento, ou contra o pensamento, sempre foi a negação do progresso, o escarneo do direito, e o maximo attentado contra os foros, quasi divinos, da consciencia humana.

Os conquistadores e os heroes passam, como as tempestades repentinas, sobre a sociedade, envoltos em fumo, em fogo e em estrondo. Por onde correm tudo treme, vacilla e cae. A sua voz consterna o presente, annunciando o futuro. A sua obra espanta ou paralysa as gerações. Entre o mundo que desaba, e o mundo que se reconstroe, as phalanges de Alexandre, as legiões de Cesar, as hordas dos barbaros, os esquadrões dos cruzados, e as aguias de Bonaparte, rasgam novos caminhos, mas dilacerando profundamente o seio das nações, cuja transformação operam. Quem dirá que o rei de Macedonia, o vencedor de Pompeo, o rei dos Hunos, Godofredo de Bouillon, ou Napoleão, não obedeciam a um espirito invisivel, motor e alma de todos os seus prodigios? Quem não vê que, terminada a sua missão necessaria, se lhes levantam de subito diante as columnas do impossivel, provando aos mais soberbos e poderosos que só Deus é grande?

No immenso drama da revolução franceza, o maior espectaculo e a maior lição da historia moderna, quem demoliu e reedificou mais? a espada ou a razão? a força physica ou a intelligencia? As cidadellas do passado, o regimen dos privilegios, o reinado dos abusos e da tradição, quem os minou pela base, quem os estreitou no apertado cêrco que os venceu, quem alastrou com seus destroços o solo, até então esteril, que tornava infecundo a sombra mortal do seu vulto? A eloquencia de Mirabeau, a penna de Seyés, o convencimento da assembléa nacional. O que faria o braço de Washington sem a voz dos publicistas e a firmeza dos congressos? O que seria Cromwel se Hampden e o parlamento não fossem os seus precursores?

A gloria dos que prevalecem pela palavra, dos que sobem ao patibulo martyres da idéa, se não é tão estrepitosa como a dos generaes, se não estremece com a alegria infrene das batalhas, se não se vê saudada com as acclamações do enthusiasmo popular, nem por isso é menos segura, ou menos solida. Não a deshonram as violencias da soldadesca, não a accusam os gemidos do orphão sem abrigo, não a maldizem as queixas dos vencidos. Não! A idéa, filha de nobres crenças e de generosos impulsos, de ordinario, as primeiras victimas que faz são os mestres que a ensinam! Antes de triumphar, lucta, padece, e expia os sorrisos do porvir com as dores do passado, e com a indifferença, ou, peior ainda, com os odios do presente. Cada passo que adianta custa-lhe uma lagrima,

ou uma gota de sangue; cada proselyto, que recruta, attrahe-lhe milhares de resistencias. Tantas paginas da nossa historia constitucional, tarjadas de lucto por entre os cantos da epopéa militar, affirmam de mais por que preço de provações crueis foi concedido o exito ás grandes reformas.

Manuel Passos foi um d'esses campeões estrenuos, que a adversidade não desalentou, que as prosperidades não abalaram, e que as illusões do orgulho e da ambição nunca seduziram. A sua virtude, inaccessivel ás tentações, encarava sem sobresalto as perspectivas mais sombrias, acceitando das mãos da victoria o poder, como deposito, e não como herança. Tudo para elle era pequeno e vaidoso, menos o titulo de grande cidadão. Tudo o viu indifferente, ou passivo, menos o culto da honra, menos a esperança de melhores destinos para a sua patria, menos a consciencia do dever e a abnegação de si proprio.

Apparecem raros estes caracteres, aos quaes a pedra de toque dos partidos, os attritos do governo, e o veneno corrosivo dos interesses, não diminuem um só quilate no metal purissimo de que são formados. Sabem que a boa fama de suas obras ha de ser a riqueza unica de seus filhos; conhecem que a ingratidão é o premio sabido dos que não alistam clientes; não ignoram que o seu dia e a sua hora, entre os caprichos de uma popularidade voluvel, chegam tarde, e que as mais das vezes o sol da gloria só brilha limpo de nuvens para elles sobre o tumulo!

Que importa que o alarido dos vivos supplante por momentos a sua voz, e que o impeto das multidões, seguindo o idolo de hoje, os acotovele e desvie, deixando-os atraz, não magoados, mas esquecidos? Esses triumphadores já os cercaram tambem, e ámanhã, se quizessem, adoral-os-hiam de novo! Essas ondas já se precipitaram a um aceno seu, e já as contiveram, impacientes, mas submissas, só com um gesto! A sua ambição vôa mais alto, vê de mais longe, não troca as coroas morredoiras da adulação pela auréola de que a posteridade illumina a fronte dos seus eleitos. Acima da confusão, do bulicio, e do olvido das turbas e de seus cortezãos, está a historia, e não é nos recostos vaidosos dos ministerios que elles buscam o logar que lhes pertence.

São almas fortes, que não cedem a nenhuma cilada, das que tanto a miudo captivam até o patriotismo innocente. Aprenderam na experiencia dos homens e das coisas a serem superiores a todas as grandezas, porque nasceram grandes de si mesmas. Toda a carreira do homem, cujos feitos desejâmos memorar em breves traços, foi um documento admiravel d'esta feição nobilissima. O que o seu nome, despido de ouropeis e isento de qualquer nodoa, diz aos que o lêem commovidos sobre a pedra nua do sepulchro, poucos o poderão dizer com egual verdade. Não enterrou os talentos, como o mau servo do Evangelho; não escondeu a luz com que devia esclarecer o progresso; não se poupou nas occasiões supremas aos perigos e fadigas, nem aos testimunhos mais explicitos da sua fé!

Quando o poder era um precipicio, acceitou-o para instrumento das idéas, e sagrou-o pela elevação do pensamento, pela lhaneza das maneiras, pelo desinteresse e efficacia das acções. Quando a missão do governo era aproximar, com risco proprio, os subditos do throno, reconciliar a monarchia com os principios, e renovar uma das faces da sociedade pela iniciativa da sua vontade energica, occupou-o, como se guarnece um posto descoberto, e defendeu-o com o peito, com a voz, e com o prestigio. Depois, acalmadas as maiores tormentas, destruidos os obstaculos mais temidos, quando o susto, que esfriava os émulos, os deixou respirar, todos o viram baixar, voluntaria e socegadamente, d'essas eminencias disputadas, arrancando dos hombros, sem um suspiro de saudade, a tunica de Nesso, que o abrazava, e gloriando-se de tornar a confundir-se com o povo, cujo era, d'onde tinha subido, e para o meio do qual quizera voltar!

Por isso a recompensa mais preciosa, aquella que elle mais podia desejar, porque era digno d'ella, lhe não faltou. A patria, que o chora como um de seus filhos mais illustres, a justiça de todos os partidos e de todas as opiniões, não esperou que o seu nome fosse uma memoria para lhe honrar os serviços, exaltar o caracter, e saudar a reputação. Ainda em vida viu a posteridade sair-lhe ao encontro, e gozou da ineffavel doçura de antever o juizo imparcial dos contemporaneos e vindoiros. Citado como mestre e como exemplo, á similhança de Washington, as honras e os cultos iam procural-o ao seio do asylo campestre, e se a modestia os engeitava, o coração apreciou-os, de certo, com ufania. A morte, que tudo acaba, não foi para elle senão a mensageira do futuro. No tumulo é ainda tão querido e lembrado, como nos dias em que a sua eloquencia arrebatava os auditorios.

II

Manuel da Silva Passos nasceu em 5 de janeiro de 1801, em Bouças, pequena aldeia situada nas proximidades do Porto, da opulenta capital do norte, em humilde berço, que a sua fama esclareceu. Seus paes, não indigentes, mas pouco abastados, suppondo com motivo, que a instrucção era o melhor legado que podiam deixar aos filhos, empregaram todos os esforços para lhes cultivarem a intelligencia com esmero. As circunstancias politicas favoreciam então pouco os bons desejos. D. João VI, ainda principe regente, pela timidez do caracter e pela indecisão da indole, precipitava a decadencia do paiz, e arriscava a firmeza da sua coroa, contemplando com terror os progressos da França, e comprando, a preço de humilhações e de sacrificios, a sua neutralidade. Rodeado de ministros e cortezãos pequenos para os grandes successos da epocha, nem se atrevia a reinar, nem ousava encarar os perigos, que por todos os lados o ameaçavam.

Os principios inaugurados pela revolução de 1789, cujo triumpho previam os espiritos penetrantes em toda a Europa, n'um praso mais ou menos curto, confundiam-se na sua mente com o cadafalso de Luiz XVI e de Maria Antoinette, com a proscripção da nobreza, e com as carnificinas implacaveis de Robspierre e de Saint-Just. Em vez de aproveitar a apathia da nação, para a ir despertando a pouco e pouco do somno e das trevas, cuidava que o cordão sanitario, de que o intendente geral da policia cingia cuidadosamente as fronteiras, vedaria a entrada no reino aos livros, ás idéas, e ao espirito do seculo, cujos effeitos suppunha possivel immobilisar por muito tempo. Na inexperiencia de sua obcecação, a velha monarchia imaginára emparedar a nação, sequestrando-a em proveito dos abusos, dos erros, e das tradições, de que era depositaria e guarda.

Mas as illusões d'este plano depressa se desvaneceram. O canto-chão, que ninguem psalmeava com mais applauso no côro, e as devotas communidades e confrarias, que ninguem regia com mais pericia do que sua alteza, eram auxiliares muito fracos para salvarem o throno vacillante. O gabinete, influido pelo fanatismo fatalista de alguns frades e beatas, ou dominado pelo sentimento da sua fraqueza, repartia-se em duas fracções, a ingleza e a franceza, sem todavia colher vantagem da alliança de nenhuma d'ellas.

O momento não podia ser mais critico. A republica, cançada das violencias de 1793, e das agitações que se lhe seguiram, confiára a Bonaparte os seus destinos, e descançava, á sombra do seu genio, de longos annos de lucta, de crimes e discordias. O soldado

victorioso, o homem predestinado, depois de subir ao consulado por cima das ruinas da convenção e do directorio, cingíra intrepido a coroa de Carlos Magno, e, como Cesar, inscrevêra com a espada no livro de oiro dos monarchas a nova dynastia dos eleitos da fortuna.

O principe D. João e seus conselheiros não tinham animo nem para acordar! Cuidavam que a distancia e o silencio os defendiam. Os estadistas da eschola do marquez de Pombal envelheciam fóra do governo, e os da geração immediata não podiam aprender do culto aulico as maximas da nova politica, proclamada nos campos de batalha em nome da força triumphante. Napoleão, de espaço em espaço, volvia um olhar distrahido sobre a Peninsula; e, vendo-a inerte e desfallecida, sonhava realisar mais um de seus audaciosos sonhos de monarchia universal, restaurando duas nações, e erguendo um ou dois thronos para os seus. A perfidia dos meios deshonrou o que no plano podia haver de elevado e generoso.

Propondo ao fraco e credulo successor de Carlos III a caçada do leão, o imperador dos francezes contava apoderar-se depois de tudo, até do diadema marcado do seu complice. A amizade de seculos entre os portuguezes e os subditos do rei George, os interesses que os uniam, e a especie de sujeição em que o commercio e antigos serviços os prendiam, irritavam o animo despotico do novo Cesar. As praias de Portugal, abertas aos navios e mercadorias de Albion, eram a negação formal por um pequeno povo da utopia do bloqueio continental. D. João VI foi intimado para optar entre dois males extremos: a guerra pela França, ou a guerra contra a França. Quiz tergiversar, ceder em parte, evadir-se a uma das pontas do dilema. A resposta foi o tratado de Fontainebleau, que retalhava a gloriosa monarchia de D. Manuel como uma feitoria ingleza, repartindo os sèus membros dilacerados entre a França, a Hespanha e o Principe da Paz! Mal previam Carlos IV e D. Manuel de Godoy, que assignavam a propria abdicação!

O exercito da Gironda marchou ás ordens de Junot; a corte, paralysada pelo medo, retirou-se para o Brasil, e as aguias imperiaes substituiram as quinas em todo o reino. As saudades da independencia, o resentimento das injurias e extorsões dos dominadóres, que mesmo a conquista pelas armas não justificaria, e o exemplo do enthusiasmo das primeiras cidades de Castella, Andaluzia e Galliza, decidiram nosso paiz a sacudir por um esforço heroico o jugo intoleravel do estrangeiro. Deus abençoou a sua causa, e, dentro em pouco, os soldados de Napoleão capitulavam em Cintra, e embarcavam em Lisboa, para nunca mais a tornarem a ver.

A segunda invasão de Soult, a resistencia, o assalto e o saque da cidade do Porto, e a marcha de lord Wellington, foram successos rapidos, que, pelo logar da scena e anciedade do terror, se gravaram, de certo, profundamente, na memoria do futuro ministro da revolução de setembro. Mesmo na infancia, as scenas de anarchia popular e de desenfreamento guerreiro, que assolavam as provincias do norte, respondendo com ruinas e incendios ao punhal e ás vindictas da plebe enfurecida, era um espectaculo doloroso, mas não destituido de certa grandeza terrivel, que, seguramente, havia de ferir a imaginação ardente e arrebatada de mancebos, que principiavam a trilhar os caminhos da vida por entre o terremoto da sociedade antiga, e na meia obscuridade de um crepusculo, que não era ainda a aurora da nova epocha.

O theatro da lucta alargou-se, as fronteiras desaffrontadas socegaram, e o echo das batalhas, cada vez mais distante, repercutia, de tempos em tempos, o nome d'esses campos, aonde se resolviam os ultimos destinos do mundo. O imperio caiu por fim!

Na feliz ignorancia da edade tenra, Manuel Passos assistia, sem os entender, aos acontecimentos que atropellavam tudo, transformando homens, coisas e nações quasi de um dia para o outro. Entregue ao estudo, dotado de comprehensão facil e de phantasia prompta em se exaltar, começou por Salustio e Tito Livio a amar a liberdade agitada de Roma, e enlevar-se com Virgilio nas sombras mysteriosas da poesia pastoril, e admirar em Horacio e na Eneida os vôos mais bellos e mais atrevidos da eloquencia e da inspiração classica. Republicano de Lyceo, como todos os interpretes de Cornelio Nepote, transportava-se em idéa á ágora de Athenas, ou ao fóro romano, tomava partido por Pericles contra os seus accusadores, por Cicero contra Catilina, chorava com o virtuoso Catão em Utica a derrota de Pompeo, e, não menos commovido, deplorava a morte sublime do thebano Epaminondas.

Em quanto assim ensaiava o enthusiasmo innocente n'estas admirações inoffensivas, conquistavam as doutrinas de 1789 adeptos fervorosos em Portugal. As vagas da inundação franceza, repellidas, recolhendose ao seu leito, tinham deixado no solo arado pela espada o limo fertilisador dos principios modernos. A regencia, governo debil, incerto, e incapaz de iniciativas uteis, e, além d'isso, subjugado pela tutela dos seus protectores britannicos, ora aos pés de lord Beresford, ora com o ouvido afiado para os oraculos do Rio de Janeiro, oppunha ás ousadias da philosophia, apodada de jacobina, as iras mansas da inquisição, os sermões absurdos de fanaticos ignaros, e as recordações odiosas da servidão honrosamente quebrada. Era pouco para suster a torrente e petrificar a liberdade, a qual a quéda de Bonaparte fizera gigante!

Manuel Passos matriculou-se na universidade de Coimbra, no anno de 1817. Republicano theorico, á similhança de todos os mancebos, mas republicano de Plutarco e de Salustio, e patriota de Roma e de Athenas. Quando elle empallidecia sobre os compendios, e, movido de nobre emulação, não cuidava senão em tornar esplendidos os seus triumphos nos certamens academicos, subiam ao patibulo os primeiros martyres das doutrinas liberaes. Gomes Freire, denunciado pela aversão dos proconsules inglezes, e processado com inaudito rigor, immortalisava com o seu supplicio a primeira pagina da nossa historia constitucional, prologo bem triste de tantos annos de continuas e irreconciliaveis dissensões!

D'aquelle sangue, poupado nos combates pelos inimigos da patria, e vertido sem piedade pelo algoz, brotou, tres annos depois, a revolução que fez triumphar a liberdade na cidade do Porto e nos quarteis de Lisboa. A regencia, obedecendo aos instinctos crueis dos seus mentores, apressou talvez a hora, e fez mais em favor do futuro do que grossos exercitos e largas discussões. Nada amadurece tão cedo os povos e as idéas como a chamma dos incendios e das fogueiras ateiadas pela intolerancia!

(Continua) L. A. Rebello da Silva.

VILLA NOVA DE GAYA

Deu origem a esta povoação a lucta do poder real com as temporalidades do clero.

Os bispos do Porto eram, por doação dos nossos reis, senhores da cidade no principio da monarchia, e n'esta qualidade exigiam e percebiam todos os direitos e mais rendimentos publicos que n'ella se cobravam. E como o commercio maritimo da cidade crescia e prosperava, á maneira que o throno levantado por D. Affonso Henriques se firmava e robustecia por meio das victorias alcançadas contra os moiros, os prelados portuenses chegaram a possuir, no

meiado do seculo XIII, um thesoiro que moveria inveja a muitos soberanos.

O poder espiritual, que n'esses tempos gozava de tanto prestigio, e dispunha de tão grande força, unido assim á auctoridade e riquezas do poder temporal, tornava os prelados, que o usufruiam, verdadeiros potentados, em muitas occasiões mais soberanos que o proprio rei, que algumas vezes se via obrigado a dobrar a sua vontade real, e a depor os interesses do paiz aos pés dos bispos.

El-rei D. Sancho II, que pretendeu coarctar-lhes algumas regalias, ousando entrar em lucta aberta, ficou vencido, e foi deposto do throno, póde dizer-se, pela influencia exclusiva do clero.

D. Affonso III, seu irmão, que veiu do seu condado de Bolonha, a chamamento do papa e de varios bispos portuguezes, para expulsar do throno e do reino o infeliz D. Sancho II, não tardou a entrar tambem em lucta com o clero; mas, valendo-se da experiencia propria pela lição que tirou da desgraça alheia, servia-se as mais das vezes dos meios indirectos para chegar aos seus fins. Tal foi o de que usou para trazer aos cofres do estado os direitos da alfandega do Porto, que o bispo por maneira nenhuma queria largar de si.

Defronte da cidade do Porto, na margem esquerda do Douro, havia n'essa epocha uma povoação de muita antiguidade, então chamada villa de Gaya, e que no tempo dos romanos se denominou *Cale* ou *Castrum antiquum*. Entre essa povoação e a serra de Quebrantões, ao diante mais conhecida com o nome de serra do Pilar, fundou el-rei D. Affonso III uma villa no anno de 1255, e quiz que se chamasse *Villa Nova de Gaya*, ficando á outra o nome de *Villa Velha de Gaya*. N'aquella, pois, onde o bispo do Porto não podia fazer valer os seus privilegios senhoriaes, estabeleceu el-rei uma casa de alfandega, e determinou que todas as mercadorias e generos que entrassem pela barra do Douro, ou viessem rio abaixo, fossem alli despachadas, e pagassem os respectivos impostos.

O prelado reagiu contra as ordens do monarcha, e até chegou a appellar para a curia romana; porém D. Affonso III soube manter os direitos da coroa prudentemente, mas com firmeza e energia; de sorte que os bispos do Porto ficaram para sempre desapossados d'aquella verba importantissima dos seus rendimentos, que andava abusivamente distrahida dos cofres da nação.

Tal foi o principio e a razão de ser de Villa Nova de Gaya. E póde gloriar-se da sua origem, porque, nascendo, serviu a causa do progresso civilisador, como um dos instrumentos que foi do equilibrio dos poderes publicos, e da harmonia que deve reinar entre o poder temporal e o espiritual a bem da sociedade.

Creada expressamente para o trafico commercial, correspondeu á justa ao chamamento. Desde o berço até á actualidade, tem sido sempre, na sorte prospera ou adversa do paiz, um grande centro de industria, uma das terras mais laboriosas do reino.

D. Affonso III deu-lhe foral com muitos privilegios e isenções, o que foi confirmado e ampliado por el-rei D. Diniz, seu filho, no anno de 1288. No principio do seculo XVI, novamente o confirmou el-rei D. Manuel.

No anno de 1336, reinando D. Affonso IV, veiu sobre o Porto um exercito de castelhanos. A cidade não foi entrada do inimigo, graças á valorosa defensa dos seus habitantes, e das tropas levantadas e organisadas pelo bispo D. Vasco, que, a final, pozeram os sitiadores em vergonhosa fuga; mas todos os arrabaldes do Porto padeceram muitas extorsões e outros vexames. Villa Nova de Gaya não foi isenta d'elles, apesar de ficar do outro lado do rio. Como tinha em si com que excitar a cubiça do inimigo, este achou artes para lá ir dar saque.

É sabido que a cidade do Porto concorreu para a gloriosa empreza da conquista de Ceuta, no anno de 1415, com muitos navios, tropa e munições, que o grande infante D. Henrique veiu capitaneando até Lisboa. N'esse donativo patriotico, feito espontaneamente pelos habitantes, tomou Villa Nova de Gaya uma parte importante. Cinco annos depois foi esta povoação assolada pela peste.

No dia 27 de setembro de 1580 entrou n'esta villa D. Antonio, prior do Crato, filho bastardo do infante D. Luiz, á frente de uns quatro mil homens. Este principe que, n'este mesmo anno, se fizera acclamar rei de Portugal por morte de seu tio, o cardeal rei D. Henrique; que fôra recebido em Lisboa como soberano, cunhando ahi moeda e organisando tropas; que ficára derrotado na ponte de Alcantara pelo exercito castelhano, commandado pelo duque de Alba, fugindo em seguida para Coimbra, onde obteve soccorro de gente e de munições, vinha agora em demanda do Porto, esperando achar no patriotismo dos seus habitantes um poderoso auxiliar contra a usurpação de Castella.

Como a esse tempo já o Porto se tivesse declarado por D. Filippe II, o prior do Crato assentou o seu arraial em Villa Nova de Gaya, e intimou a cidade para se render. Á recusa seguiu-se o ataque, e facilmente a tomou; porém viu-se logo obrigado a largal-a ao general castelhano D. Sancho de Avila, que o perseguia de perto com forças superiores. Perdida esta derradeira esperança, D. Antonio dirigiu-se para Vianna, onde embarcou para França.

Desde então até aos principios do segundo quartel do seculo passado, os annaes de Villa Nova de Gaya não contém facto algum que mereça mencionar-se.

Assistindo tranquillamente ás grandes mudanças politicas que se operaram no paiz em todo esse longo curso de tempo, tambem teve a fortuna de nunca ver aproximar-se o inimigo dos seus muros durante as duas guerras da restauração de Portugal e da successão de Hespanha. Egual felicidade teve a respeito dos graves tumultos que rebentaram na cidade do Porto, o primeiro chamado das *maçarocas*, em tempo de Filippe IV de Hespanha, por causa do imposto que o governo do rei intruso quiz lançar sobre as mulheres que fiavam o linho; e o segundo, no reinado de D. Affonso VI, em consequencia do novo tributo do papel sellado, que exasperou o povo a ponto de soltar os presos, e commetter muitos outros excessos, que só acabaram depois que a cidade foi occupada com quatro mil homens de infanteria e quinhentos de cavallaria, sob o commando do conde do Prado.

O dia 28 de dezembro de 1727 ficou memoravel na historia d'estas duas povoações, pelos prejuizos e horrores que lhes causou uma das maiores cheias do Douro de que ha noticia, pois que na cidade quem estava em cima do muro podia tocar com a mão na agua do rio, que esteve quasi a galgar sobre a muralha. Foram arrebatadas pela corrente mais de cem pessoas, colhidas pelo repentino crescimento das aguas, e muitos navios e embarcações pequenas, que se perderam fazendo-se pedaços contra os rochedos, ou sossobrando no Oceano. Em Villa Nova de Gaya ficaram destruidos muitos edificios. Avaliaram-se os prejuizos em alguns milhões de cruzados.

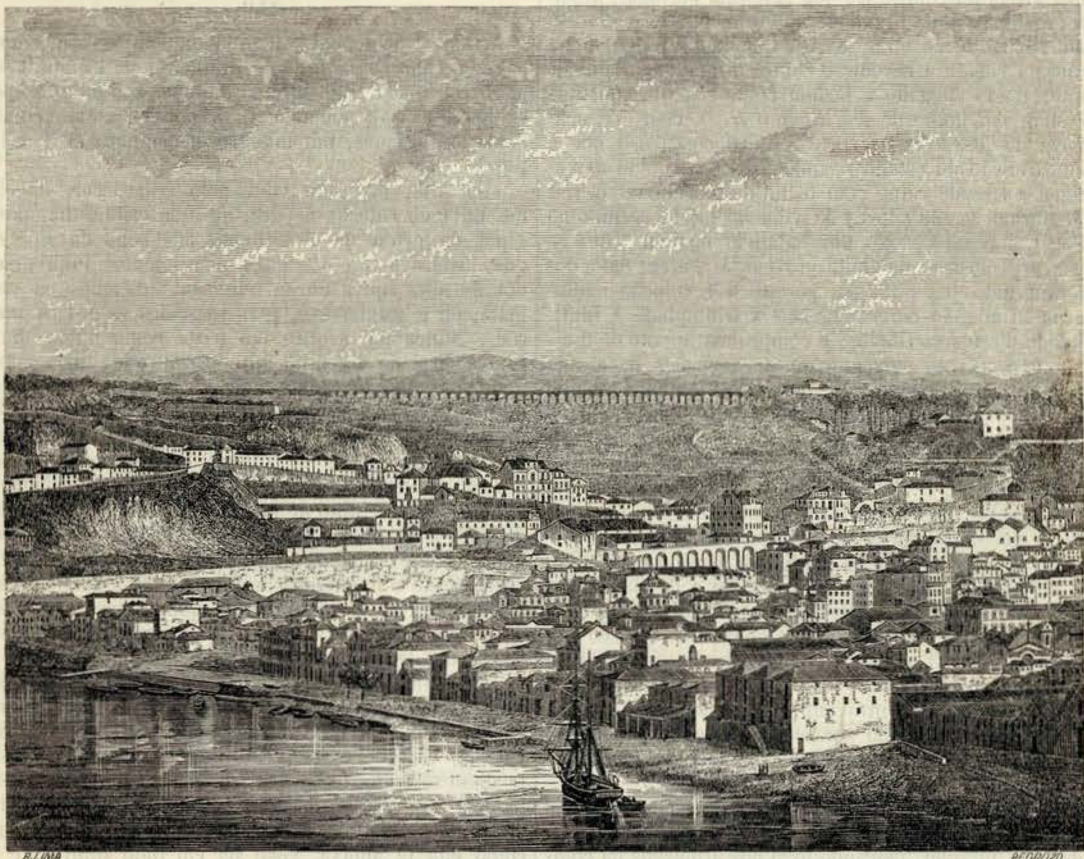
A instituição da companhia geral dos vinhos do Alto Douro, que provocou, na cidade do Porto, aquella fatal rebellião do dia 23 de fevereiro de 1757, pela qual foram punidas com a pena de morte, de açoites e galés, de confiscação de bens e degredo, duzentas oitenta e tres pessoas de ambos os sexos; essa instituição, dizemos, trouxe a Villa Nova de Gaya uma nova era de prosperidade. Feita deposito geral dos vinhos do Douro, não só reassumiu em breve a importancia que perdêra pela transferencia da sua alfandega para o Porto, mas ainda veiu a adquirir maior

trafico do que tivera n'esses tempos, augmentando em edificios, e crescendo de dia para dia em população e riqueza.

Aos 22 de fevereiro de 1785 padeceu esta villa horriveis estragos, causados por uma cheia do Douro, ainda mais desastrosa que a que deixâmos referida, porque d'esta vez accresceu um medonho tufão de oéste, que alastrou a villa e a cidade de ruinas, e encheu o rio de destroços de naufragios. Estavam então ancorados no Douro 85 navios portuguezes e 33 estrangeiros, muitos dos quaes foram submergidos, ou despedaçados uns contra os outros. No Porto foram alagadas pelas aguas do rio dezoito ruas e mais de mil casas. Na villa abateram todas as casas e armazens situados na praia.

A paz que desfructou este reino nos seis annos de 1801 a 1807, em quanto que as mais nações da Europa ardiam em guerras devastadoras, dando consideravel impulso ao nosso commercio maritimo, enriqueceu sobremaneira esta villa, bem como a visinha cidade.

No verão de 1806 realisou-se aqui um melhoramento publico altamente reclamado por todo o reino. Foi a ligação da villa á cidade por meio de uma ponte



Villa Nova de Gaya

de barcas, que ficou dando passagem á estrada real que communica a capital do reino com as provincias do norte. Entretanto, esta obra, de tanta vantagem e necessidade para as duas povoações visinhas, trouxe decadencia a um ramo do commercio de Villa Nova de Gaya. Havia aqui grandes depositos de generos coloniaes e de outras mercadorias d'onde se abasteciam muitas terras da Beira, evitando assim a passagem do rio. Desde que a ponte lhes facilitou os transportes, preferiram fornecerem-se mesmo na cidade, e assim acabaram, ou se reduziram, aquelles estabelecimentos.

Nos fins do anno de 1807 foi invadido Portugal, e as suas principaes cidades foram logo occupadas pelos invasores; Lisboa no dia 28 de novembro pelo exercito francez commandado pelo general Junot, e o Porto pelos hespanhoes ás ordens de D. Francisco Taranco, capitão general da Galliza, aos 13 de dezembro.

Passados seis mezes, a 18 de junho de 1808, levantou a cidade do Porto o primeiro brado da independencia que resoou em Portugal contra os invasores. Os habitantes de Villa Nova de Gaya acudiram ao grito patriotico, e correram, cheios de enthusiasmo, a alistar-se nos batalhões que o bispo do Porto á pressa organisava. Communicou-se rapidamente o movimento a todo o paiz, e os portuguezes, cobrando animo e brios, e auxiliados pelas tropas inglezas, que não tardaram a vir em nosso soccorro, derrotaram e expulsaram os inimigos do solo da patria.

Querendo vingar a affronta das aguias francezas, mandou Napoleão, no anno seguinte, um novo exercito, capitaneado pelo marechal Soult. Transpõe o inimigo as fronteiras da Galliza; atravessa com rapidez a provincia do Minho; vem pôr cerco ao Porto, e, ao cabo de tres dias de vigoroso ataque, toma a cidade, no dia 29 de março, não obstante achar-se defendida por vinte e quatro mil homens, duzentos canhões, trincheiras e reductos.

O dia 28 de março ficou gravado para sempre na memoria dos filhos do Porto e de Villa Nova de Gaya, como um dia de lucto nacional pelo lamentavel desas-

tre da ponte. Estando esta cheia de povo, que fugia da cidade na occasião da entrada do inimigo, caiu-lhe em cima a cavallaria franceza, atropellando e acutilando com tal encarniçamento, que os miseros que escaparam de serem passados ao fio da espada, ou esmagados debaixo das patas dos cavallos, precipitaram-se no Douro, onde encontraram morte mais prompta, mas menos dolorosa.

Os invasores apenas gozaram por dois mezes da sua conquista. Os triumphos das armas anglo-lusitanas obrigaram os francezes a evacuar a cidade, em agosto seguinte, e após a cidade o paiz. Desde então não tornou Villa Nova de Gaya a ser incommodada pelo flagello da guerra estrangeira; e tambem foi poupada nas discordias intestinas que agitaram Portugal, desde a proclamação da liberdade no Porto, em 24 de agosto de 1820, até ao anno de 1828, em que rebentou na mesma cidade a revolução contra o infante D. Miguel, que, tendo chegado a Lisboa como regente constitucional, em nome de seu irmão o sr. D. Pedro IV, acabava de dissolver as cortes, unico congresso que a constituição do estado reconhecia, convocando as antigas cortes do reino com o fim de o acclamarem rei. Acudiram os moradores da villa ao brado erguido no Porto, formando logo um batalhão nacional, que se poz á disposição da junta provisoria. Porém baldados foram todos os esforços, porque a revolução mallogrou-se quando parecia prestes a triumphar. A inutilidade d'estes sacrificios; o compromettimento de muitas pessoas; as perseguições e execuções da alçada que foi ao Porto para punir os que tinham tomado parte n'aquelle movimento, pozeram a villa em sobresalto, enchendo de consternação os seus habitantes.

Passados quatro annos desembarcou nas praias do Mindello o sr. D. Pedro, duque de Bragança, á frente do exercito libertador. Logo depois começou o memoravel cerco do Porto pelas tropas do infante D. Miguel; e assim principiou tambem o periodo mais triste e desastroso da historia de Villa Nova de Gaya. Durante um anno foi theatro de guerra noite e dia. Nas suas ruas pelejaram-se muitos combates; e o ceo que a cobre estava constantemente obscurecido com o fumo da polvora, e com o chuveiro das balas e granadas que se encontravam e cruzavam em todas as direcções, espalhando por toda a parte ruina e morte. O flagello da guerra veiu então juntar-se ao açoite da colera morbus.

O cerco do Porto foi em fim levantado, mas dois dias antes commetteram os sitiadores um acto de vandalismo incrivel, lançando fogo aos armazens da companhia de vinhos do Alto Douro, em Villa Nova de Gaya. O dia 16 de agosto de 1833 viu, pois, destruir-se um deposito de muitas mil pipas do mais precioso vinho do Douro, no valor de milhões de cruzados, que constituiam o patrimonio de muitas familias opulentas, que no breve espaço de poucas horas ficaram reduzidas á miseria.

Esta catastrophe, sobre as ruinas de tantos predios e outros prejuizos causados pela guerra, deu um profundo golpe na prosperidade d'aquella villa, por quanto os estabelecimentos da companhia davam emprego a numerosos braços, e alimentavam diversas industrias.

Todavia, as leis da dictadura do immortal duque de Bragança, e a influencia benefica e poderosa da liberdade, lançando os fundamentos á prosperidade do paiz, não podiam deixar de dar vida e impulso a uma terra como Villa Nova de Gaya, habitada por gente tão activa e industriosa, edificada junto a um porto de tanto commercio, e que continuava a ser o deposito geral dos vinhos do Alto Douro. Não tardou, por conseguinte, a reparar-se das ruinas, a refazer-se dos prejuizos, e a readquirir a actividade e a animação de outr'ora.

Em 1834 foram alargados os seus limites, que até então eram muito estreitos. Uniu-se á villa a povoação de Gaya, que d'antes formava um concelho independente d'ella; e juntaram-se ao concelho da villa muitas e populosas freguezias, com o que ficou um dos mais importantes municipios do reino.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

REGINA

(EPISODIO DAS CONFIDENCIAS)

TRADUZIDO DO FRANCEZ DE A. DE LAMARTINE

(Vid. pag. 282)

XXII

A final e de repente, Regina mudou de cara, e appareceu, não se sabe como, intimamente tranquilla e meio consolada. Ella mesma me narrou o modo como se operára este phenomeno, a que chamava, como todas as italianas, um milagre da Senhora do Pausilippo.

«Um dia, dizia-me ella, pelo entardecer, apeei-me do meu caleche á porta de uma ermidinha, proxima da gruta do Pausilippo, aos sons da sineta, que inspirava aos viajantes pensamentos impregnados de uma suave unção religiosa. Entrámos na capella, eu e minha avó, para rezarmos as nossas orações. Nunca me sentíra tão triste como n'esse dia; estava farta de viver no mundo sem ella; dizia commigo: «O que me importam este formoso paiz, este esplendido ceo, este magestoso mar, estas montanhas, estes monumentos, estes theatros, estes olhares do povo e estes gritos de admiração que me acolhem quando passo pelas ruas no meu caleche descoberto? Já não a tenho junto de mim para participar commigo de tudo isto; prefiro um pensamento que ella do céo me consagre, á admiração do universo. A terra está vasia desde o momento em que Clotilde a abandonou. E eu chorava, escondendo-me quanto podia no seio de minha avó, e as lagrimas caíam nas minhas mãos, postas diante do Santissimo Sacramento.

«E subito ouvi, não na phantasia, mas dentro de mim, ferindo-me o ouvido intimo, ouvi tão bem como oiço o senhor, uma voz que me dizia: Estás louca, Regina, Clotilde existe, continúa a existir. Pois não te disse ella que tinha um irmão com quem tanto se parecia em rosto e coração, que nem sua mãe seria capaz de os distinguir? Seu irmão, que te ha de amar como ella te amava, visto ser em tudo similhante a Clotilde, e Clotilde estimava-te mais do que uma irmã gemea? Seu irmão, em cujo coração, se nos chegarmos a unir, hei de encontrar as mesmas predilecções que existiam no peito d'ella, de que tantas saudades tenho, e que nenhuma creatura, que não seja ella, me poderia restituir!»

«Este pensamento, dizia-me Regina, entrou-me na alma com tanta subitaneidade, como entra um raio de sol n'um quarto cheio de trevas quando se abrem os postigos. Fez brotar no meu espirito mil coisas que eu julgava mortas e enterradas no tumulo de Clotilde. Isto pareceu-me tanto um milagre obtido pela intercessão da minha amiga, que me inclinei de novo até ao chão para dar graças a Deus e aos seus anjos, e beijei o pavimento, d'onde parecia que surgíra, por minha causa, essa gentil visão do irmão da minha amiga. Era como o resurgir do meu affecto debaixo de outra fórma, consubstanciado, de novo, n'um ente por quem esperava ser amada, e a quem eu já amava tanto quanto amára a sua anterior encarnação.

«Minha avó viu-me tão radiante e transfigurada, que me perguntou o que havia de novo na minha alma. Não lhe disse o que me succedêra, mas disse-

lhe que tinha rezado tanto, que os anjos me haviam consolado. N'essa tarde fomos passeiar até ás praias de Bagnoli, que ficam do outro lado da gruta de Pausilippo; depois á noite fomos ao theatro de S. Carlos; além, cada murmurio da onda; aqui, cada nota de musica parecia recordar-me a apparição, a voz, o tremer dos labios d'aquella a quem tanto affecto eu tinha! Procurava de camarote em camarote, analysava as numerosas cabeças, viradas para mim, da chusma que se amontoava na platéa e nas galerias, para ver se se me deparava um rosto qualquer que me trouxesse á memoria as feições de Clotilde, e, se assim acontecesse, parece-me que não podia deixar de soltar um grande grito.

«Ao deixarmos Napoles, minha avó levou-me, pelo caminho de S. Germano, para o seu velho castello, situado ao sopé dos Abruzzos. Fiquei espantada de lá encontrar meu tutor, o principe de***, e alguns letrados, parecendo todos esperar por mim. Um ar de mysterio e de frieza reinava na antiga habitação. O meu tutor teve largas conferencias, á noite, com minha avó. Esta andava muito agitada e chorosa, mas affectava, ao fallar commigo, um certo modo de felicitação e de alegria. Não tenho animo de lhe dizer o resto..

....

XXIII

Estas circunstancias, cuja narração inspirava a Regina uma tal repugnancia, eram as do seu casamento, meio por sopreza meio por violencia, com o principe ***. O principe era quasi velho; era parente da condessa Livia, e muito abastado. Regina tambem possuia haveres consideraveis, por faltarem na sua familia herdeiros varonis. Da união d'esses dois ramos de tão nobre casa, por meio de um casamento desproporcionado, em que se não attendia á edade dos que contrahiam os laços matrimoniaes, devia resultar uma magnifico morgado para os descendentes do principe*** e de Regina. A avó, que detestava o principe***, que tinha medo do tutor, que era a um tempo violenta e fraca, como as mulheres edosas que toda a vida estiveram sujeitas á influencia das paixões, resistiu por muito tempo, mas por fim não teve remedio senão consentir, e entregar a neta, com a condição de que o casamento não seria mais do que um acto de obediencia da sua parte, uma especie de compromisso para o futuro, ratificado por um padre e um tabellião, mas que lhe deixariam sua neta ainda por tres annos. Porém, consentindo indiscretamente em ir aos Abruzzos, privára-se de resistir moralmente a essa união, e de poder subtrahir-se á tyrannia dos interessados no casamento. Ahi rodeiavam-n'a só os amigos e adherentes do principe e do tutor de Regina. Já era tarde para fazer opposição. Sem ousar prevenir sua neta na vespera, e fazendo-lhe só presentir pelas suas lagrimas o sacrificio de que ia ser victima no dia seguinte, annunciou-lhe, pela manhã, a vontade da familia. Uma hora depois casava Regina na capella do castello de ***. O principe, o tutor, e a restante companhia, cumpriram a sua promessa, retirando-se para Roma logo depois da ceremonia nupcial, e deixando Regina em poder de sua avó, como se fosse uma criança que não podesse ainda ter logar de esposa e auctoridade de dona da casa no palacio de seu marido! A sua extrema juventude serviu de pretexto para colorir, aos olhos da sociedade romana, o recato do principe ***. Não houve a minima alteração no viver de Regina; apenas mudou de nome. Passados alguns dias já se não lembrava que era casada. Convencionou-se que a joven princeza viajaria de verão, na companhia de sua avó, por Sienna, Florença, Napoles e Sicilia, e que residiria em Roma, sob pretexto de completar a sua educação no mesmo convento de Longara, onde passára os annos da sua infancia. Sua avó tambem se iria clausurar com ella a fim de se não separar do seu idolo, que não podia apresentar em publico durante o tempo que a possuia, graças á indulgencia do marido.

XXIV

Tudo quanto aqui fica dito ácerca de Regina, só o soube muito depois, por ella m'o contar, mas era indispensavel narral-o já, para dar significação á visita inesperada que eu acabava de receber no fundo das florestas da Borgonha, e sentido ás cartas de Salucio, que conservo, e de que passo a copiar alguns fragmentos. Encontra-se n'essas cartas a outra face, e a sequencia da paixão d'essa criança, paixão que um sonho fizera brotar, e que o acaso transformou n'uma penosa realidade. Salucio escrevia melhor n'essa epocha do que todos nós, quando queria espelhar o seu pensamento ou quando estava commovido. A sua educação, meio ingleza, meio italiana, dava-lhe um tom estrangeirado, e recursos de expressões que faltam muitas vezes áquelles que só conhecem uma lingua.

PRIMEIRA CARTA

«Roma.

....

......«Se estivesses aqui nada me faltaria. Para comprehender Roma são necessarias duas almas; tenho só uma, e essa mesma não sei se a conservarei por muito tempo. Parece-me que um olhar m'a furtou, como aconteceu ao meu querido heroe do Ariosto, mas que, em vez de voltar para uma estrella, ficou embebida nos dois mais formosos olhos que tem espelhado o lindo ceo de abril d'este bemdito paiz. *Ohimè!* (é uma expressão de languidez italiana) *Ohimè!* minha pobre irmã não me enganára. *Ohimè! povero me! Misero me!*... Todas as interjeições transteverinas não bastam para auxiliar a evaporação do que me opprime. Conheceste-me pouco poeta; pois esta noite sou-o muito mais do que tu, porque te estou a escrever em vez de dormir. O meu pensamento não está commigo; não está tambem n'essa bella poesia do Guido, que me contempla, ou antes que contempla o ceo, do fundo d'essa galeria em que meu tio accumulava os seus thesoiros artisticos. Não, não, a poesia que eu hoje enxerguei vive, move-se, palpita e falla! E que vida! e que pizar! e que palpitações no seio! e que melodia nos labios! e que lagrimas transparentes nos globulos dos olhos! Ah! Guido Reni! foram formosos os teus sonhos, mas os da natureza ainda mais o são.

«Has de pensar que estou doido de amores, como bastantes vezes me tem succedido por alguma tela de Raphael, pela Galathéa, pela Farnesina, ou por qualquer pagina de algum romance inglez aberto sobre a minha mesa; julgas que estou elaborando, da mesma fórma que elaboravamos outr'ora, um philtro de caprichos que me inebria, tendo, em compensação, plena liberdade de quebrar a taça depois, ou de deitar o meu annel ao mar como o enfastiado monarcha de Samos. Não, não é isso, é *ella*. *Ella* quem? dizes tu. A *ella* que *existe*, segundo a expressão mosaica! a *ella* de quem te fallava em Paris; a *ella* de quem minha irmã me fallava em todas as suas cartas; a *ella* que já me enfastiava, tão farto estava de ouvir o seu nome e a descripção das suas perfeições; a *ella* a quem eu chamára minha segunda irmã, tanto com ella se identificára no meu pensamento; *ella*, em fim. Agora já sabes de quem fallo. Pois bem, minha irmã ficára muito áquem da verdade, meu amigo.

«Quando a vi acudiu-me á idéa um verso teu, de que não posso reproduzir senão o sentido: «A sua sombra contém mais electricidade do que o corpo de outra qualquer».

«Faço-te esperar muito tempo, não é verdade? É porque estou n'um estado febril! *Ahi tens, lê*, como diz Talma.

«Eu já nem sabía o que fôra feito d'essa criança maravilhosa, em quem Clotilde me fallou até morrer. Julgava que voára, nem eu sei para onde, nas azas dos quatro ventos do mundo, para longe, para muito longe do seu ninho. Já n'ella não pensava. Pensava na alma de minha pobre irmã, que voára para o ceo na nossa ausencia, sem ter mão amiga que lhe indicasse o caminho, sem ter uma voz querida que lhe désse animo para partir. E dizia commigo, todas as noites, ao deitar-me, n'essas formosas salas, onde tanto brincáramos juntos, onde vibrára a sua voz sonora: «Oh! preciso reunir todo o meu valor para ir ver com os meus olhos a lapide da capella onde mãos estranhas a sepultaram; preciso ver esse claustro, esses lugubres jardins, esse aposento, esse horisonte de cyprestes, de pedras e de tijolos, em que, por tanto tempo, os seus olhos se fitaram, e que tantas vezes e tão bem me descreveu, que me parece que sería capaz de lá ir de olhos fechados.» E depois, quando repontava o sol, sentia apertar-se-me o coração, grudarem-se-me os pés ao limiar da porta, e dizia entre mim: «Não, hoje não. Não tenho nem a força nem a tranquillidade, nem a santidade sufficiente para conversar de perto com o seu espirito». Duas vezes passei pelo convento de Longara, voltando de S. Pedro, como que para me habituar, pouco a pouco, á idéa, á casa, ao tumulo! Uma vez cheguei a levantar a mão para bater á portinha do convento, depois abaixei o braço, e fugi, como que receando que tivessem visto o meu gesto e que viessem abrir a porta. Em fim, tu sabes quantas contradicções, quantas superstições, quantas criancices, se agitam nas nossas almas quando estamos sós. Deixei passar um mez, depois outro, depois metade de outro, sem me atrever a ir lá. Mas formára o projecto (digo formára porque isso já lá vae) formára o projecto de partir para a Sicilia, onde vive um inglez amigo de meu pae, que este me recommendou que visitasse. Não tinha no palacio a minima reliquia de Clotilde, nem um cabello, nem uma joia, nem uma fita, nem um vestido; tudo estava no convento desde a sua morte, segundo me asseverava o criado que ficára guardando o palacio de meu pae, durante a nossa ausencia. Não podia por fórma alguma sair de Roma sem levar commigo uma reliquia d'esse anjo. Sabes que não sou supersticioso, como os filhos da minha provincia armoricana, mas sou *memoriado*, e fiel, como elles, ao culto da saudade. Na reliquia, não é a reliquia em si que me impressiona: é o pensamento! Não sei se o pensamento se consubstancía, até a um certo ponto, com o objecto material, e lhe communica, não uma virtude secreta, mas um signal presente e visivel da virtude; uma emanação da pessoa ausente, que imprime ao objecto dado como lembrança uma continuidade de presença, de amor, de protecção. Sei que estou tresvariando, mas é o mesmo, não me quero fingir comtigo mais sobrehumano do que sou. Em fim, queria ter uma recordação de minha pobre irmã, no seio, no pescoço, nos dedos ou na minha carteira. Era necessario ir buscar a reliquia aonde estava. O desejo deu-me forças, e fui.

«Mas estão dando, n'este mesmo instante, tres horas da manhã em S. Pedro; estás farto de me aturar; é o mesmo, vou continuando. Não posso dormir; hei de escrever-te por força; se não quizeres, não leias.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

65.°

A pergunta que nos faz o sr. D*** sobre quaes devem ser os arbitros para decidir as questões de linguagem, tão commum entre nós, está respondida desde 1781 pelo P. Antonio Pereira de Figueiredo, n'uma dissertação apresentada á academia das sciencias.

Eis-aqui a parte que diz respeito á pergunta do nosso assignante:

«É necessario que haja em cada nação um juiz arbitro das controversias que se podem excitar sobre a sua lingua; um juiz permanente, um juiz que se possa consultar a toda a hora.

«E quem póde ser esse juiz? Sel-o-ha algum particular? Mas essa auctoridade não a arrogaria a si nem um Vieira, no tempo em que a nação o não tinha escolhido para arbitro das suas palavras; quanto mais que nem sempre é facil achar um homem d'esta marca. Sel-o-ha alguma sociedade de homens de letras? Mas essa sociedade não deve sentenciar de seu moto proprio, mas segundo certas leis. E quem ha de prescrever essas leis?

«Direis que as controversias sobre uma lingua as deve decidir o uso dos eruditos, conforme os preceitos de Horacio e Quintiliano. E eu ainda insisto: E quem são esses eruditos, cujo voto quereis que decida a final todas essas controversias? Serão os grandes theologos, os grandes philosophos, os grandes mathematicos, os grandes jurisconsultos, os grandes medicos?

«Mas estes só podem ter voto decisivo nos vocabulos proprios da sua profissão, nos vocabulos technicos, e as controversias mais frequentes são sobre as palavras do uso geral, do uso domestico, do uso quotidiano, que são as que formam o maior e o mais consideravel numero dos nossos termos patrios.

«Não podereis logo evadir a força da minha instancia, senão confessando que os eruditos, ao uso dos quaes constitue Quintiliano arbitro supremo das palavras familiares de uma lingua, são só os versados na lição dos seus auctores classicos, e que por elles decidem o que é fallar bem ou fallar mal.

«Isto concedido, prosigo eu agora. Os auctores classicos da lingua portugueza, considerados assim por alto, são os seguintes:

«João de Barros — Damião de Goes — Francisco de Andrade — Diogo do Couto — Affonso de Albuquerque — Francisco de Sá de Miranda — Luiz de Camões — Diogo Bernardes — Antonio Ferreira — Francisco Rodrigues Lobo — Duarte Nunes de Leão — D. Fr. Amador Arraez — D. Fr. Marcos de Lisboa — Jorge de Monte Maior — Gaspar Barreiros — Fernão Mendes Pinto — Fernão Alvares do Oriente — Fr. Heitor Pinto — Fr. Bernardo de Brito — Fr. Luiz de Sousa — P. João de Lucena — D. Francisco Manuel — Os dois Brandões, chronistas móres — Fr. Manuel da Esperança — D. Rodrigo da Cunha — Jacintho Freire de Andrade — Duarte Ribeiro de Macedo — P. Antonio Vieira — P. Bartholomeu do Quental — P. Manuel Rodrigues Leitão — P. Manuel Bernardes. — E depois d'estes, os que até á nossa edade se esforçaram por imitar os melhores, entre os quaes mettéra eu ao P. Francisco de Santa Maria, ao P. Francisco de Sousa, ao P. Diogo Curado, e a D. José Barbosa.

«Logo, estes são os auctores por onde os eruditos da lingua devem julgar e decidir o que é fallar bem ou fallar mal em portuguez. Estes os que devem ser imitados, com as precauções que deixo apontadas».

Quanto a estas precauções, no que vae grande aproveitamento da leitura dos antigos, fallaremos n'outro artigo. Silva Tullio.